

A influência da variável familiar na ampliação da imprensa interiorana no Rio Grande do Sul: o caso Prunes¹

THE INFLUENCE OF THE FAMILY VARIABLE IN THE ENLARGEMENT OF THE PRESS IN RIO GRANDE DO SUL:
THE PRUNES CASE

Beatriz Corrêa Pires Dornelles

Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCom) da Faculdade de Comunicação Social (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora em Comunicação pela Universidade de São Paulo com Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa/POR.

E-mail: biacpd@pucrs.br

Recebido em 26 de julho de 2016. Aprovado em 1 de dezembro de 2016.

RESUMO

Este estudo tem caráter inédito e inovador dentre os documentos acadêmicos existentes sobre jornalismo interiorano no Brasil. Objetivando colaborar para a história da imprensa, estudamos a atuação da família Prunes na expansão dos veículos de comunicação do Rio Grande do Sul a partir do jornal *Gazeta de Alegrete*, o mais antigo em circulação no estado, com 134 anos de existência. O estudo foi realizado com pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas em profundidade, no período de 1888 a 1945. Como resultado, identificamos a criação de 16 jornais e 2 gráficas em 9 municípios gaúchos.

Palavras-chave: História da imprensa. Jornais do interior. Empresa familiar.

ABSTRACT

This study is unique and innovative among the existing academic documents on Brazilian journalism in Brazil. Aiming to collaborate in the history of the press, we studied the performance of the Prunes family in the expansion of communication vehicles in Rio Grande do Sul from the newspaper *Gazeta de Alegrete*, the oldest in circulation in the state, with 134 years of existence. The study was carried out with bibliographical, documentary and in-depth interviews, from 1888 to 1945. As a result, we identified the creation of 16 newspapers and 2 charts in 9 Gaúcho municipalities.

Keywords: History of the press. Newspapers of the interior. Family business.

1 Trabalho submetido ao GPHistória do Jornalismo, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo/SP, a se realizar em setembro de 2016.

A história da imprensa interiorana no Brasil, ainda hoje, é insipiente nos estudos acadêmicos realizados pela área de comunicação. Muito ainda precisamos contar sobre sua contribuição para o desenvolvimento dos municípios, por meio do jornalismo. No Rio Grande do Sul, poucas obras se dedicaram à administração das empresas jornalísticas do interior do estado, ao processo de produção da notícia e das políticas editoriais. Nacionalmente, também é um enfoque pouco abordado nos estudos acadêmicos.

No final do século XIX e primeira metade do século XX, preponderava na economia brasileira a empresa familiar, na maioria das vezes, tendo à frente um “empreendedor”. Segundo Gonçalves (2000), até a década de 1950, a empresa familiar brasileira teve presença quase absoluta em praticamente todos os segmentos da economia nacional.

Na bibliografia brasileira acadêmica de administração, é possível encontrar diversos conceitos para empresa familiar, não havendo consenso entre seus pesquisadores. Para Gaj (1990), por exemplo, empresa familiar caracteriza-se como aquela com capital aberto ou fechado, que foi iniciada por um membro da família, que a passou ou tem a intenção de passar a um herdeiro direto ou parente por casamento. Para Lodi (1986), a empresa familiar é aquela em que a sucessão da diretoria está ligada ao fator hereditário e os valores institucionais da firma identificam-se com um sobrenome de família ou com a figura de um fundador. Esse conceito nasce para o autor, geralmente, com a segunda geração de dirigentes.

A partir da leitura de vários autores, dentre eles Scheffer (1993), Colbari (1996) e Bernhoeft (1989), constatamos a inexistência de consenso na conceituação de empresa familiar. Dentre diversas características citadas pelos pesquisadores, constatamos que o jornal *Gazeta de Alegrete* enquadra-se perfeitamente nas definições disponíveis em artigos científicos, a partir do segundo proprietário – José Celestino Prunes. A *Gazeta de Alegrete* foi fundada por Luiz de Freitas Valle, o Barão do Ibirocaý, em 1º de outubro de 1882. Seu único propósito, na ocasião, era combater o regime escravocrata por meio de propaganda abolicionista. Em 1888, com a abolição da escravatura, Freitas Valle muda-se para o Rio de Janeiro e deixa seu jornal aos cuidados de Armando Brunet, que no mesmo ano convida José Celestino Prunes e seus dois filhos mais velhos para nela atuarem. Essa família é o foco principal deste estudo².

Acreditamos que a *Gazeta de Alegrete* resistiu por 54 anos por se tratar de uma empresa familiar com muitas peculiaridades e diferenciais em suas gestões. Muito pelo perfil de cada um dos Prunes e, em especial, de Fredolino, o mais velho dos irmãos. Controlado e administrado pela família por mais de cinco décadas, o jornal possuiu uma

2 Por questão de limite de espaço, em um próximo artigo, detalharemos a fundação do jornal *Gazeta de Alegrete* e sua trajetória ao longo de 134 anos.

forma organizacional peculiar, com caráter especial, por onde passaram quase 20 descendentes de Celestino. Os Prunes extraíram uma força especial da história, da identidade, da cultura local e da ideologia comum à família. Segundo Ricca (2007, p. 12), “quando os dirigentes são parentes, suas tradições, seus valores e suas prioridades brotam de uma fonte comum. [...] Cônjuges e irmãos têm maior probabilidade de entender as preferências explícitas e as forças e fraquezas ocultas uns dos outros”.

Objetivando colaborar para a história da imprensa, este estudo, de caráter inédito dentre os estudos acadêmicos, registra a atuação de uma família – os Prunes – na expansão dos veículos de comunicação do Rio Grande do Sul, da arte gráfica e da gestão de empresa familiar no final do século XIX e início do século XX, a partir de aprendizado adquirido no jornal *Gazeta de Alegrete*. Os principais responsáveis pelos ensinamentos foram José Celestino (o patriarca), José Fredolino (o filho mais velho) e Lourenço (o segundo, dentre sete filhos).

A segunda geração, formada por sete irmãos, foi responsável pela criação de dezesseis jornais e duas gráficas, em nove municípios do Rio Grande do Sul, unindo-se a estes um jornal criado pela esposa de um dos irmãos, o que totaliza dezenove produtos de comunicação. Com documentação, sabe-se ao certo que para a fundação dos jornais foram criadas nove empresas de comunicação, ou de caráter individual, ou em sociedade com outros intelectuais. Um dos jornais, criados em Quaraí, transformou-se em uma espécie de cooperativa, já que Fredolino Prunes o doou aos trabalhadores da Liga Operária de Quaraí (detalhes ao longo do texto).

Além da criação de jornais e gráficas, juntos, os Prunes atuaram como jornalistas em 35 jornais do Rio Grande do Sul, com sede em onze municípios. Em termos de número de diferentes veículos, o mais ativo foi Teotônio, que esteve em catorze impressos ao longo de sua carreira como operário, funcionário, diretor, administrador, proprietário, gerente e redator. As informações aqui contidas são todas inéditas nos estudos acadêmicos e constituem importante contribuição histórica para compreensão do jornalismo gaúcho no final do século XIX e quatro décadas do século XX.

Procedimentos metodológicos

Desde tenra idade, os Prunes iniciaram-se como artistas gráficos, redatores, gerentes e administradores na *Gazeta de Alegrete*. O estudo foi realizado a partir de pesquisa documental e entrevistas em profundidade com personagens que conviveram com os Prunes. Neste artigo buscamos reunir os dados sobre os jornais fundados por eles, por onde passaram, levando o conhecimento que receberam na cidade de Alegrete. Também

buscamos na bibliografia da Administração elementos que caracterizam a empresa familiar³, para compreender os motivos pelos quais a *Gazeta de Alegrete* conseguiu sobreviver, mesmo tendo passado por inúmeras crises sociais, políticas e econômicas no período em que foi administrada pelos Prunes.

O historiador e jornalista João Batista Marçal⁴ concedeu, para este estudo, oito entrevistas de duas horas cada (em média), no período de março a maio de 2016, em Porto Alegre e Viamão (cidade onde reside). O jornalista Maurício Goldemberg (87 anos) foi entrevistado em Alegrete (2016), onde mora. Goldemberg começou a trabalhar na *Gazeta* em 1944, aos quinze anos de idade, e nela atuou até o início do século XXI. Foi estafeta, redator, editor, diretor, um dos sócios do jornal e conselheiro dos dois diretores – Samuel Marques e Hélio Ricciardi – que permaneceram à frente da *Gazeta* entre 1970 e início de 2015, quando ambos faleceram. Assumiu, então, Lilia Ricciardi, filha de Hélio, atual proprietária do semanário.

Os primeiros dez anos da *Gazeta de Alegrete*

A cidade de Alegrete localizada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, a 490 km de distância da capital do estado, Porto Alegre, a 125 km do Uruguai (fronteira entre Quaraí e Artigas), e a 149 km de Paso de los Libres, na Argentina, fronteira com Uruguaiana. Quando a *Gazeta* foi fundada, a cidade contava com cerca de dez mil habitantes. Na região, muitas batalhas foram travadas ao longo de três séculos (XVIII, XIX e XX). Alegrete foi a terceira (e última) capital farroupilha, onde foi escrita a primeira Constituição Republicana do Brasil.

Araújo Filho destaca em seu livro o cenário vivido pela população na época como importante fator para compreensão do ânimo dos habitantes e da cultura que se formava na região:

Durante o período revolucionário, o município de Alegrete foi teatro de toda a sorte de tropelias, sofrendo os habitantes as consequências das iras partidárias, tanto na campanha como na cidade, ocupada por uma e por outra das forças beligerantes. [...] Suportou ainda o nosso município as

3 Em um próximo artigo, já em construção, será possível ampliar as informações aqui contidas, em razão do espaço destinado pelas revistas científicas.

4 Faz-se necessário destacar que este estudo só foi possível graças às pesquisas realizadas, por mais de 50 anos, pelo jornalista e historiador João Batista Marçal, autor de mais de dez livros com enfoque na imprensa da fronteira-oeste e de Porto Alegre. Marçal reúne em sua casa uma hemeroteca com exemplares de jornais desde os primórdios do século 19 até os dias atuais; uma biblioteca contendo grande parte dos livros, incluindo raridades, que trataram da imprensa gaúcha; documentos recolhidos sobre jornais e jornalistas do Estado; fotografias dos personagens, fontes manuscritas, dentre outros materiais ainda inéditos em trabalhos acadêmicos.

consequências de muitos recontros e escaramuças de partidas volantes, e travessias de forças em todas as direções, causando alarme entre os habitantes pacíficos e deixando quase sempre após si algum traço de sangue e depredação (ARAÚJO FILHO, 1908, p. 105-106).

A compra da tipografia que deu origem à *Gazeta de Alegrete* foi, portanto, em ambiente hostil. Freitas Valle adquiriu e renovou uma pequena tipografia do extinto *Jornal do Comércio*, que circulou em Alegrete de 1876 a 1881 (Goldemberg, [1973], 1993). Seu lema era “combater e derrubar a nefanda escravatura” (ARAÚJO FILHO, 1908).

Conta Fredolino Prunes (1957, p. 4) que, instalada a tipografia, Freitas Valle precisou encontrar um tipógrafo em cidades vizinhas porque não existia profissional capacitado na cidade. Foi contratado um profissional que residia em Cruz Alta. Ao chegar em Alegrete, passou a tomar conta e a organizar a oficina da *Gazeta*. Chamava-se Virgílio Soares e foi com ele que, em 1888, José Celestino Prunes, então com 39 anos, e seus dois filhos mais velhos – Fredolino, com 15 anos, e Lourenço, com 13 anos (aproximadamente) – aprenderam a lidar com os componedores da gráfica, na condição de operários do jornal (FREDOLINO, 1957).

Em 1889, com a saída do artista gráfico Virgílio Soares do cargo de tipógrafo-chefe, Antonio Agostinho do Nascimento, administrador, gerente e diretor do setor econômico do jornal, convidou seu compadre e amigo José Celestino Prunes e seus filhos José Fredolino e Lourenço para dirigirem a gráfica da *Gazeta*. Os três, exercendo a função de artistas gráficos, sem contar com nenhum patrimônio, percebiam (juntos) 75 mil réis por mês.

José Celestino fica no comando da gráfica e assume a redação e a direção da *Gazeta de Alegrete* em 3 de março de 1891. Conserva-se à frente da mesma até março de 1893, quando o jornal teve a sua publicação interrompida, sendo substituído pelo órgão denominado *O Til*, criado por seu filho José Fredolino Prunes, e do qual veio a ser redator. De 1891 até 1944, a *Gazeta* fica sob a administração e direção dos Prunes.

José Celestino Prunes, o patriarca da família, era argentino. Nasceu na Província de Entre Rios, Concórdia, em 6 de abril de 1849. Veio para o Brasil ainda muito moço, radicando-se na cidade de Alegrete, onde se casou com Malvina Tiellet Prunes.

Após o período de interrupção da *Gazeta de Alegrete*, ela reaparece em 29 de agosto de 1897, já como propriedade dos Prunes. A partir dessa data, José Celestino permanece como seu diretor até o ano de 1910. Em 1905, assume a redação do jornal *Assisense*⁵, fundado por seu filho Teotônio, sem se afastar da *Gazeta*. Foi, ainda, coletor federal em Alegrete, onde faleceu em 1922. Segundo depoimento de seus contemporâneos, Celestino Prunes era um homem muito bom, solidário, amigo, correto, fraterno, hospitaleiro (GOLDEMBERG,

5 Detalhes da fundação de “O Assisense” mais adiante.

2016), “mas de temperamento explosivo. Sua casa estava sempre aberta para receber intelectuais e artistas” (LOURENÇO MÁRIO PRUNES, 1956)⁶.

O patriarca da família teve sete filhos homens, quais sejam: José Fredolino (1873-1957); Lourenço Prunes Sobrinho (187?-1945)⁷; Afonso Augusto (187?-1911)⁸; Olinto (1881-1935); Teotônio (1884-1948); Cirino (1889-1936) e Honorino (1897-1960).

Até onde pudemos investigar, ainda fazem parte da história da imprensa gaúcha os seguintes familiares do casal José Celestino e Malvina Tiellet: Arlinda Gonçalves da Silva Prunes (esposa de Teotônio Prunes); Lourenço Mário Prunes (filho de José Fredolino); Celestino de Moura Prunes (filho de Lourenço Prunes Sobrinho); José Luiz Ferreira Prunes (filho de Lourenço Mário Prunes); Armelinda Prunes (filha de José Fredolino); Suely de Freitas Prunes (filha de Cirino Prunes) e João Tiellet, cunhado de José Celestino⁹.

No total, foram 15 membros da família contribuindo, por 57 anos, para a formação da história da imprensa gaúcha entre, pelo menos, 1888 e 1957, ano de falecimento de Fredolino Prunes. Todos eles, já falecidos, se iniciaram como gráficos e redatores de notícias nas instalações da *Gazeta de Alegrete*. Todos os integrantes da família eram, ideologicamente, republicanos e envolveram-se ativamente na política local e estadual.

José Celestino introduz a família no ambiente jornalístico, adquirindo a empresa e gráfica *Gazeta de Alegrete* de seu fundador, onde todos seus sete filhos aprenderam o ofício. Dessa segunda geração, seis filhos são responsáveis pela criação de 18 veículos de comunicação, em nove municípios gaúchos. Segundo as evidências, provavelmente, o irmão mais moço,

6 Nota escrita por Lourenço Mário Prunes (neto de Celestino) em complemento ao livro, a ser lançado em data não estipulada, intitulado *Gazeta de Alegrete, os Prunes e seus jornais*, de João Batista Marçal (2014, p. 8). A nota consta em documento inédito, de posse do historiador João Batista Marçal. Trata-se de um texto escrito por José Fredolino Prunes, em 1956, um ano antes de sua morte, a pedido de seu filho Lourenço Mário Prunes. O documento tem 46 páginas e intitula-se “Notas para a história da imprensa na fronteira do Rio Grande do Sul”. Anos depois da morte de Fredolino, a partir desse documento, Lourenço Mário solicitou a Marçal que editasse o texto, fazendo uma apresentação e notas explicativas. Marçal acrescentou sua pesquisa sobre a família Prunes e os jornais criados por ela. Na ocasião (abril de 1969), também foi solicitado ao Presidente do Círculo de Pesquisas Literárias, Lothar Francisco Hessel, que fizesse um comentário sobre o trabalho, anexado no texto a ser lançado por João Batista Marçal. Algumas passagens do relato já foram citadas pelo historiador Anderson Romário Pereira Corrêa (2014), no artigo intitulado “José Fredolino Prunes (1873-1957): a incorporação do proletariado na sociedade”.

7 O segundo filho de José Celestino. Sabemos que faleceu em Porto Alegre, após 1940. Pode ter nascido entre 1875 e 1876.

8 Não conseguimos ainda encontrar fonte segura sobre a data de nascimento de Afonso Augusto Prunes, que faleceu em 20 de setembro de 1911. Através de fontes secundárias, calcula-se que seu nascimento tenha ocorrido entre 1877 e 1879, pois é o terceiro filho de José Celestino.

9 A pesquisa que levantou os nomes dos Prunes que atuaram na imprensa gaúcha foi feita pelo jornalista e historiador João Batista Marçal. O material continua inédito em seus arquivos, datilografados em folhas de ofício, devendo ser utilizado para lançamento de um livro, intitulado *Gazeta de Alegrete: os Prunes e seus jornais*. Nossa pesquisa confirmou muitos dados, através da leitura do arquivo histórico da *Gazeta de Alegrete*, que está sendo digitalizado pela PUCRS, sob coordenação da autora deste artigo, e em entrevista com o jornalista Maurício Goldemberg.

Honorino Prunes, que atuou ativamente como jornalista e proprietário de jornal, também tenha sido fundador de um dos jornais, *O Republicano*, juntamente com seu irmão Lourenço Prunes Sobrinho, mas não foi possível comprovar essa hipótese por falta de documentação¹⁰.

Após 16 anos de trabalho, em 1904, por iniciativa de Fredolino, que realizou a compra do maquinário, a família reuniu-se para criar uma nova empresa voltada à publicação de livros, jornais, panfletos, cartões de visita, convites de casamento etc. Foi quando surgiu a Livraria e Gráfica O Coqueiro, com um capital de 50.000\$000. Araújo Filho comentou:

[...] esta época marca o ponto de partida para o progresso franco desta arte gráfica, pelos melhoramentos nela introduzidos por estes proprietários, os primeiros que trouxeram para aqui [Alegrete] máquinas aperfeiçoadas e material moderno (ARAÚJO FILHO, 1908, p. 206).

Ainda sobre a Livraria, Araújo Filho relata que as oficinas dos Prunes estavam aparelhadas para a execução de quaisquer obras por conter “uma excelente máquina Marinoni, formato 1,20 m por 0,96 cm, três máquinas menores dos autores Cropper, Phenix e Weiler, picotadoras, máquinas de costurar folhetos, cortadora de cartões, guilhotina de grande formato, prensas e um escolhido sortimento de typos modernos” (ARAÚJO FILHO, 1908, p. 206). Era com estes equipamentos que a *Gazeta* era feita e impressa.

Foi uma atitude arrojada e visionária dos Prunes, conforme afirmou Araújo Filho (1908, p. 206): “A livraria e tipografia d’O Coqueiro pode competir com qualquer outra do Estado e corresponde plenamente às necessidades do nosso meio, por isso que os seus proprietários, que também são artistas, acompanham a evolução da arte, de conformidade com os seus interesses profissionais”.

*O Correio do Povo*¹¹, fundado em 1895 por Francisco Caldas Júnior, em Porto Alegre, surgiu com uma máquina impressora da marca Alauzet, com quatro páginas, divididas em seis colunas, tamanho 39 cm por 56 cm. No entanto, relata Galvani (1995, p. 60): “[...] o sonho do fundador, já na fundação do periódico, era adquirir uma máquina Marinoni, superior à dos concorrentes.” (eram oito jornais diários circulando na capital gaúcha). Somente em 1º de julho de 1897, importada da Europa, foi possível inaugurar a Marinoni (a mesma adquirida pelos Prunes dois anos antes)¹².

10 Mais adiante detalha-se a fundação do jornal *O Republicano*.

11 *O Correio do Povo* foi o jornal de maior influência no século XX, tendo revolucionado o jornalismo gaúcho, ao introduzir um diário sem compromisso político-partidário, ao contrário dos demais. Em seu primeiro número, o editorial registrou: “Este jornal vai ser feito para toda a massa, não para determinados indivíduos de uma facção” (GALVANI, 1995).

12 Caldas Júnior fundou seu jornal aos 27 anos, “baseado em empréstimos em que apenas seu nome pessoal funcionara como aval.” (GALVANI, 1995, p. 61).

Destaque-se que a criação da Gráfica O Coqueiro ocorreu após um período de grande perturbação para os Prunes. Em março de 1893, a *Gazeta* foi forçada a interromper sua publicação por falta de tipógrafos. Irrompera a Revolução Federalista. Em 2 de julho do mesmo ano, foi substituída pelo jornal *Til*. A *Gazeta de Alegrete* só voltou a circular em 29 de agosto de 1897.

Os filhos de Prunes, em destaque Fredolino, então com vinte anos, e Lourenço, com dezoito, participaram por um ano de frentes de batalha. Abandonaram a luta e fugiram para o Uruguai, por serem perseguidos pelos federalistas. Somente onze anos depois (1904), Fredolino, com 31 anos, consegue retornar para Alegrete, ano em que funda a Livraria e Gráfica O Coqueiro com equipamentos modernos e superiores aos concorrentes, destacando-se a impressora Marinoni, adquirida em 1895/1896, quando residia em Quaraí e dirigia o jornal *A Fronteira*¹³. Assim como no *Correio do Povo*, com a aquisição da impressora, a *Gazeta de Alegrete* aumenta em tamanho, em número de páginas e sua tiragem (ARAÚJO FILHO, 1908).

Nos onze anos que estiveram afastados de Alegrete, por força das circunstâncias, a vocação jornalística dos Prunes esteve presente em cada passo que deram. Nessa jornada, podem-se destacar características de suas personalidades como idealismo, romantismo, aventura, arrojo, sacrifícios, posições ideológicas, paixão, engajamento político, entre outras. No período, sofreram vários atentados contra suas vidas, de autoria dos maragatos¹⁴, relatados por Fredolino (1956).

Nos primeiros anos, precisaram buscar emprego para sobreviverem. Fredolino exilou-se na Argentina e no Uruguai. Lourenço circulou pela fronteira oeste e se fixou em Quaraí. Teotônio foi para São Francisco de Assis, onde fundou um jornal e contou com a ajuda do pai, José Celestino. Em 1904, assumiu a gerência de um jornal em Santa Maria. Afonso Augusto mudou-se para Quaraí, onde atuou como jornalista e gráfico. Olinto também se mudou para Quaraí, atuando como tipógrafo e jornalista.

Todos tiveram empregos paralelos durante o período de embates entre republicanos e federalistas para poderem sustentar suas famílias e a própria *Gazeta de Alegrete*. Na região, a rivalidade entre os dois grupos permaneceu por longos anos, estendendo-se,

13 Mais adiante, relatamos a fundação do jornal *A Fronteira*, em parceria com Dartagnan Tubino, em Quaraí. Fredolino (1957) relata detalhes da criação desse jornal, mas não está claro se a compra da Marinoni aconteceu em 1895 ou 1896, dois anos antes da aquisição de uma Marinoni pelo *Correio do Povo*, o que ocorreu em 1897.

14 O termo *Maragato* tinha uma conotação pejorativa, atribuída pelos legalistas aos revoltosos liderados por Gaspar Silveira Martins, que deixaram o exílio no Uruguai e entraram no Rio Grande do Sul à frente de um exército. Como o exílio havia ocorrido em uma região do Uruguai, colonizada por pessoas originárias da Maragateria (Espanha), os republicanos apelidaram-nos de “maragatos”, buscando caracterizar uma identidade “estrangeira” aos federalistas.

pelo menos, até os anos 1920. Não encontramos nenhum relato que indicasse discórdias entre os irmãos quanto à administração dos negócios em família. Os indícios revelam que havia união entre os irmãos e sobrinhos.

Os irmãos Prunes e seus familiares

Para aferir a vocação jornalística dos Prunes, pesquisamos as atividades da família no ramo jornalístico para entender como elas contribuíram para o desenvolvimento de empresas jornalísticas no Rio Grande do Sul. Infelizmente, apenas a *Gazeta de Alegrete* possui um arquivo histórico de suas edições, que está em processo de digitalização pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob coordenação da autora deste trabalho. Em 2016, os demais jornais não foram localizados em nenhum museu, biblioteca ou coleção particular do Estado.

Dois anos após atuar como gráfico na *Gazeta de Alegrete*, Fredolino criou em sua cidade natal, aos dezessete anos, em 1890, um pequeno jornal literário chamado *O Til*, tendo convidado para redator seu professor, Francisco Machado Coelho (FREDOLINO PRUNES, 1956). O jornal era impresso em três colunas na gráfica da *Gazeta*, em uma folha de papel almaço, formato papel de ofício, comprado na casa Portela & Ruas.

O Til foi um semanário que circulou aos domingos na cidade. Com esse formato, durou apenas alguns meses e deixou de ser impresso. Ressurgiu em 7 de agosto de 1892. A princípio era exclusivamente literário, mas, a partir de 4 de março de 1893, aumentou o formato, saindo com quatro colunas e tornando-se literário, comercial e noticioso. Com essa finalidade foi publicado até 2 de julho do mesmo ano, passando, nessa data, a substituir a *Gazeta de Alegrete*, que interrompera sua publicação em decorrência da invasão da cidade pelos federalistas revolucionários¹⁵, que se opuseram aos republicanos e à sua dissidência (que se organizou como partido), tendo no comando, dentre outros, Demétrio Ribeiro¹⁶ e Barros Cassal¹⁷, ambos alegretenses. Naquele momento, José Celestino não mais escondia sua preferência política, exposta abertamente nas páginas da *Gazeta de Alegrete* (FREDOLINO, 1956).

15 Em outro artigo, em construção, a autora aborda as questões políticas que afetaram a vida dos Prunes e da *Gazeta de Alegrete*.

16 Demétrio Nunes Ribeiro nasceu em Alegrete, em 5 de dezembro de 1853. Foi educador, engenheiro, jornalista e político brasileiro. Foi o primeiro ministro do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do governo provisório do Marechal Deodoro da Fonseca, após a Proclamação da República.

17 João de Barros Cassal nasceu em Alegrete, em 2 de fevereiro de 1858. Foi ativo político e jornalista brasileiro. Líder republicano, foi candidato à Câmara dos Deputados em 1888, pelo Partido Republicano Rio-grandense, que não elegeu nenhum representante naquela legislatura. Após a Proclamação da República, foi nomeado chefe de polícia do Rio Grande do Sul e diretor do jornal *A Federação*. Participou do governo do estado como membro da junta governativa gaúcha de 1891. Disponível em: <<http://arquivblogrs-ahrs.blogspot.com.br/2011/04/arquivo-particular-barros-cassal.html>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

Sobre sua criação, *O Til*, José Fredolino conta que o jornal continha diversas seções de anedotas, historietas, comentários sociais, charadas e logogrifos, na época, indispensáveis para o jornal. Com o trabalho realizado em *O Til*”, “Machado Coelho mereceu o título de primeiro charadista rio-grandense, recebendo prêmios do Anuário de Graciano Azambuja, editado na Livraria Gundlach.” (FREDOLINO, 1956, p. 44).

O Til tinha mais de cem assinantes. “[...] As quatro páginas do jornalzinho eram feitas à noite, aos sábados, pois *O Til* aparecia aos domingos”, relatou Fredolino (1956, p. 44). Ele e seu irmão Lourenço faziam a composição e a impressão, depois de a *Gazeta de Alegrete* ter sido composta, paginada e impressa. O redator Machado Coelho, “entusiasta e abnegado”¹⁸, passava a noite com os dois rapazes revisando provas ou redigindo originais para completar a edição.

No ano de 1893, *O Til*¹⁹ aumentou seu formato novamente, com seis colunas, sendo assim publicado até 29 de agosto de 1897, data em que foi definitivamente suprimido pelo reaparecimento da velha *Gazeta* após uma existência de seis anos. Provavelmente a segunda fase de *O Til* ficou aos cuidados de José Celestino e Machado Coelho, uma vez que Fredolino e Lourenço uniram-se à dissidência republicana e partiram para a guerra. Testemunharam fatos horrendos e decidiram abandonar a luta armada, exilando-se em Artigas, Uruguai, cidade fronteiriça com Quaraí. Após meses, os irmãos Prunes retornaram para Quaraí. Fredolino, no entanto, resolveu partir para Salto Oriental, na Argentina, fronteira com Entre Rios, cidade de seu pai. Esse exílio aconteceu em 1894, quando ainda não havia ambiente para retornar a Alegrete.

A disputa pelo poder entre castilhistas e federalistas continuava na região. Logo que chegou, Fredolino foi empregado como tipógrafo no jornal *Ecos Del Progreso*, da cidade de Salto, recebendo doze pesos por mês para trabalhar das 7h30 às 18h, segundo seu relato (1956). Exatamente um ano depois, em 1895, Fredolino deixou a cidade argentina e retornou para Quaraí, onde o esperava seu irmão Lourenço.

Logo depois de se instalar em Quaraí, Fredolino, aos 22 anos, foi convidado por Dartagnan Tubino²⁰ para fundar o jornal *A Fronteira*, que circulou pela primeira vez em 20 de setembro de 1895, sob a direção do alegretense. Seu irmão, Afonso Augusto, com dezoito anos, assumiu a administração do jornal. Tubino chefiou a redação por três anos, quando ocorreu sua morte em 10 de julho de 1898. Após essa data, segundo Fredolino (1956, p. 49),

18 Expressão utilizada por José Fredolino Prunes (1957).

19 Realizamos pesquisas em todas as bibliotecas e arquivos de Porto Alegre e não localizamos nenhum exemplar de *O Til*.

20 Dartagnan Batista Tubino (1865-1898) foi jornalista, político e administrador. Fundou o primeiro jornal que surgiu na cidade de Quaraí, *Quaraí* (1878). Foi deputado estadual (1892) e prefeito de Quaraí (1895) e organizador político da cidade.

“a empresa converteu-se em sociedade por ações, tomadas por amigos, ficando uma parte com ele”. De 1898 a 1901, Fredolino (dos 25 aos 28 anos) desempenhou funções redatoriais, encarregando-se do noticiário do jornal e preparando-se para ser o único proprietário.

“Certo dia”²¹, recebendo a visita do engenheiro Benito Ilha Elejalde, que residia em Uruguaiana, Fredolino foi avisado de que “existia em sua cidade uma máquina impressora e material tipográfico, ainda sem uso, que seriam vendidos em hasta pública, com avaliação muito modesta” (FREDOLINO PRUNES, 1956, p. 51-52). Tratava-se de uma Marinoni. Fredolino conseguiu o dinheiro e seguiu para Uruguaiana. Realizou o negócio e comprou, além da máquina nova, uma cópia de tipos, também novos. “A transação não passou de cinco contos de réis.”, conforme Fredolino (1956, p. 52). Encaixotou o material e enviou para Quaraí, via Uruguai.

Chegada a máquina e o material, Fredolino armou a primeira, juntamente com um mecânico e dirigente das máquinas do “Saladeiro Novo Quaraí”, homem forte e hábil, que foi cedido pelo dirigente daquele estabelecimento. Entre 1901 e 1904, Fredolino (dos 28 aos 31 anos) torna-se o diretor proprietário de *A Fronteira*, tendo como redator, naquele período, Aurélio Porto²² e, como gerente, Luciano Nicanor Moreira. Eram funcionários do jornal Teotônio Prunes, com 17 anos, Olinto Prunes, com vinte anos, Artur Rodrigues e Otacílio da Luz Tubino²³. Vários números do jornal *A Fronteira* estão arquivados na Biblioteca Pública da cidade de Rio Grande. Segundo Marçal (2014), Aurélio Porto deixou nas páginas de *A Fronteira* um vastíssimo número de poesias, crônicas e ensaios, assinados com os mais diversos pseudônimos. Outro escritor de destaque do jornal foi o poeta Frederico Ernesto Estrella de Villeroy²⁴, promotor público da Comarca de Quaraí. O jornal *A Fronteira* durou quase dez anos quando, em 15 de novembro de 1904, deixa de circular após a publicação do número 857.

Com o fechamento de *A Fronteira*, em 1904, Fredolino (31 anos) providenciou a transferência de sua tipografia para Alegrete. No caminho, por questões de ideologia política, o maquinário foi assaltado, vandalizado e empastelado às margens do arroio Garupá, tendo sido quase todo destruído por um bando armado. Fredolino foi a Garupá com dois ou três amigos, recolheu os destroços e conduziu o que sobrara para Alegrete. Na cidade,

21 Provavelmente, “certo dia”, conforme relatou Fredolino (1956), ocorreu em 1896, já que em 1895 Tubino o havia encarregado de comprar as máquinas e material necessário para montar a gráfica do jornal *A Federação*.

22 Afonso Aurélio Porto foi político, poeta, jornalista e historiador brasileiro. Começou sua vida publicando poesias em *O Atleta*, em Porto Alegre. Mudando-se para Quaraí, publicou em *A Fronteira* de 1901 a 1905.

23 Informações contidas no relato de José Fredolino (1956) e de Marçal (2014).

24 Professor, gramático, poeta, jornalista e orador. Lecionou em diversos colégios de Porto Alegre. Foi um dos mais assíduos colaboradores do “O Guahyba” e da “Arcádia”. Colaborou, ainda, na revista do “Parthenon”, do qual foi figura proeminente, e na revista da “Sociedade Ensaios Literários”, à qual, igualmente, pertenceu (PROJETO PASSO FUNDO, 2016).

colocou os destroços do maquinário em exposição na rua por alguns dias, para que todos testemunhassem a “selvageria contra a imprensa” (FREDOLINO, 1956).

Tendo ainda como diretor-proprietário Fredolino Prunes (32 anos), o jornal *A Fronteira* apareceu novamente com o número 858, em 30 de março de 1905, em Alegrete. Ali esteve determinado tempo em circulação, segundo Marçal (2014), passando depois para Livramento, onde foi publicado durante vários anos sob a direção de José Antônio Flores da Cunha²⁵.

Ainda em Quaraí, revelando outra faceta política, José Fredolino, aos 23 anos, em 1 de janeiro de 1896, paralelo ao jornal *A Fronteira*, lança *O Amador*, órgão classista e literário. Era impresso na gráfica do jornal *A Fronteira*, também de sua propriedade. Deixou de ser publicado em 1 de julho do mesmo ano em que surgiu, tendo circulado por apenas seis meses. Foi o primeiro jornal classista que a cidade de Quaraí conheceu.

O pequeno semanário era administrado por Luciano Nicanor Moreira, vice-presidente do Clube União Caixeiral, fundado em 22 de dezembro de 1895, e servia de porta-voz da entidade operária. Posteriormente, *O Amador* passou a ser porta-voz da União Operária Beneficente, hoje Liga Operária, fundada em 6 de março de 1896, tendo inclusive publicado os estatutos dessa entidade. O semanário passou a ser eminentemente classista a partir de 25 de abril de 1896, quando começou a publicar em seu cabeçalho que era de “propriedade dos tipógrafos de *A Fronteira*”. O diretor de *O Amador* era, então, o tipógrafo Pedro Chaves Bueno. Através de nota estampada na primeira página de *O Amador*, ficava esclarecido que este passava a ser propriedade de Pedro Chaves Bueno, Afonso Augusto Prunes, Artur dos Santos e João Gualberto Cabral. Fredolino, gratuitamente, havia passado o jornal para propriedade dos tipógrafos, entre os quais constava seu irmão Afonso Augusto, então com 19 anos (MARÇAL, 2004).

Outro semanário criado por José Fredolino Prunes, aos 23 anos, recebeu o nome de *O Farrapo*. Foi criado em Quaraí, a 8 de agosto de 1896, e se autodenominava “jornal democrata”. Eram seus redatores Adalberto Machado dos Santos²⁶ (1870-1958) e Domingos dos Anjos Siqueira, Áulio D’ Alvin e “Farrapo”, pseudônimo sob o qual se ocultava Fredolino Prunes. O jornal possuía uma coluna literária e notícias da época.

25 Político brasileiro nascido em Santana do Livramento, RS, cuja atuação contraditória de ser várias vezes aliado e adversário dos governos de Getúlio Vargas, influenciou os rumos da política brasileira da primeira metade do século XX. Filiado ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), comandou as forças do governo contra as revoltas tenentistas (1923/1924) e participou da revolução (1930) que levou Getúlio Vargas à Presidência da República. Foi governador do Rio Grande do Sul (1934-1937), cujo mandato não terminou por entrar em conflito com o governo federal e ter que se exilar no Uruguai. Retornou ao Brasil (1943), onde respondeu a processo por crime político, sendo condenado a um ano na prisão. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JosAFCun.html>. Acesso em: 15 jul. 2016.

26 Adalberto Machado dos Santos foi professor, jornalista, poeta e cronista. Deixou grande quantidade de poesias nas páginas do jornal *O Farrapo*.

Logo que foi lançado, não publicava anúncios comerciais. Era impresso nas oficinas de *A Fronteira*, também de Fredolino Prunes (MARÇAL, 2014). Em 16 de fevereiro de 1897, passou a ser quinzenal e durou cerca de um ano.

Em Alegrete, então com 14 anos de idade, Teotônio Prunes funda *O Álbum*, com seu primeiro número publicado em 3 de setembro de 1896. O jornalzinho era impresso na *Gazeta* e teve vida efêmera. Pouco se sabe sobre esta publicação.

Em 7 de setembro de 1899 surge, em Quaraí, *O Gauchito*, sob a direção de Afonso Augusto Prunes, com 22 anos, e do uruguaio Bernardo F. Martinez. O jornalzinho visava à aproximação social dos dois povos vizinhos: Quaraí, no Brasil, e Artigas, no Uruguai.

Em 1903, então residindo na colônia de Jaguari, Afonso Augusto (26 anos) funda, em 8 de fevereiro, o jornal *O Jaguari*, porta-voz do Partido Republicano daquela comunidade e, também, noticioso. Através das páginas desse semanário, seu criador moveu uma violenta campanha contra Fernando Abbott, candidato à governança do estado, “o que lhe valeu o sequestro do jornal, um processo e três meses de prisão em Santo Ângelo” (MARÇAL, 2001, p. 25). *O Jaguari* possuía quatro páginas (formato 34 cm × 50 cm) e sobreviveu por três anos, deixando de circular em fevereiro de 1906, quando Afonso Augusto mudou-se para São Luis Gonzaga, aos 29 anos.

Alvo de problemas financeiros, Afonso Augusto, em 1906, associa-se a Luis Abreu Valadares e cria o *Correio da Serra*, órgão independente e noticioso, com quatro páginas (formato: 35 x 45). “Ali permaneceu por cerca de cinco anos, mudando-se, então, para Santa Maria, onde faleceu com aproximadamente 34 anos, a 20 de setembro de 1911” (MARÇAL, 2001, p. 10). Em Santa Maria, trabalhou no jornal *O Estado*. Na ocasião, era diretor do jornal seu irmão Teotônio.

Teotônio Prunes, aos 21 anos, em 19 de março de 1905, com José Fontoura como redator, funda o semanário *O Assisense*, em São Francisco de Assis. Logo nos primeiros números, Fontoura abandona a redação, e o jornal conta, a partir de então, com diversos colaboradores. Inicialmente *O Assisense* apareceu como órgão independente, tornando-se depois porta-voz do Partido Republicano de São Francisco de Assis. Um dos bons colaboradores desse jornal foi Manoel da Costa Leite (1866-1950), militar, advogado e orador, que já atuara na imprensa de Uruguaiana, sua terra natal.

Um de seus mais destacados colaboradores foi o quaraiense Januário Batista Tubino (1881-1940), que usava o pseudônimo de “Narinho”. Funcionário público, jornalista e poeta satírico, integrava na época o “Grêmio Literário Lobo da Costa”. Foi o responsável pela coluna “Casse-Tere” desse jornal, onde divulgava seus versos, no geral satirizando a vida e os fatos da comunidade (MARÇAL, 2001, p. 26).

O jornal semanário *Júlio de Castilhos* aparece na cidade de São Francisco de Assis, a 11 de março de 1906, fundado e dirigido por Teotônio Prunes, então aos 22 anos, tipógrafo, jornalista e republicano. O periódico possuía quatro páginas (formato: 36 x 53). Sabe-se que ainda circulava em 1914 (MARÇAL, 2001).

Cirino Tiellet Prunes, outro irmão de Fredolino, aos dezesseis anos de idade, inova no gênero e cria *O Íris*, revista literária, social e noticiosa lançada em Alegrete, em 5 de setembro de 1906. Foi jornalista, político e teatrólogo. A revista era impressa com dezesseis páginas, nas oficinas da *Gazeta de Alegrete*, na época dirigida por seu pai, José Celestino. Ainda em 1909 tem-se notícia da circulação da revista de Cirino, obedecendo sempre a sua orientação. *O Íris* tinha penetração em todas as rodas culturais do estado, segundo levantamento de Marçal (2001, p. 27). Também em Alegrete, editou os jornais *O Society* e *O Marimbondo*.

Incentivado por Fredolino, na época deputado estadual, Cirino muda-se para Porto Alegre em 1923, passando a trabalhar no jornal *A Federação*, do Partido Republicano, dirigido por Lindolfo Collor²⁷. Foi secretário e redator-chefe e, por diversas vezes, ocupou interinamente o cargo de diretor. Trabalhou por mais de treze anos em *A Federação*. Por mais de dez anos, também dirigiu o Gabinete de Censura Teatral e Cinematográfica da prefeitura de Porto Alegre, deixando o cargo por ocasião de sua morte, em 7 de dezembro de 1936. “Espírito culto e combativo, lutou mais de 30 anos na imprensa e foi um nome respeitável no jornalismo de seu tempo” (MARÇAL, 2014, p. 13).

Na cidade de Rio Pardo, outro jornal surge por iniciativa de um Prunes. Em 22 de dezembro de 1907, Teotônio, aos 23 anos, funda na cidade de Rio Pardo o jornal *O Rio Pardo*. Órgão independente, defensor dos interesses gerais do município, conforme se apresentava. No início, era publicado às quintas-feiras e aos domingos, passando, no número 69, em setembro de 1908, a circular somente aos domingos pela manhã. Sabe-se que seu editor realizava edições especiais nos dias de festas e feriados nacionais. Deixou de circular em 21 de fevereiro de 1909, uma vez que seu diretor foi para outro jornal na cidade de Encruzilhada do Sul. Possuía quatro páginas (formato: 32 cm × 45 cm).

Um ano depois, a 2 de julho de 1908, a esposa de Teotônio, Arlinda Prunes, funda um jornal literário de nome *O Incentivo*. Juntamente com sua sócia, a consagrada poetisa gaúcha Natércia Cunha Veloso (1892-1975)²⁸, imprimia com suas próprias mãos o jornal nas oficinas de *O Rio Pardo*. Ambas eram diretoras e redadoras do jornal, que teve vida efêmera. Conforme Marçal (2001, p. 10), “Arlinda tornou-se exímia tipógrafa”. Após a

27 Lindolfo Collor, jornalista de carreira, foi importante político brasileiro, com várias legislaturas, e Ministro do Trabalho do governo de Getúlio Vargas (1930-32).

28 Foi professora estadual, poetisa e musicista. É Patronesse da cadeira nº 6 da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, de Porto Alegre.

morte de seu marido, em 1948, mudou-se com os filhos para Porto Alegre, passando a trabalhar na Tipografia Prunes, criada por Teotônio em 1925, até seus setenta anos de idade, quando faleceu. Segundo Lourenço (apud MARÇAL, 2001), filho de Fredolino, foi com o trabalho de compor, paginar e imprimir panfletos que Arlinda ajudou a sustentar sua família, função raríssima exercida por mulheres de sua contemporaneidade.

Outro jornal fundado por Teotônio Prunes, aos 25 anos, foi *A Campanha*, na cidade de Encruzilhada do Sul, a 11 de abril de 1909. O órgão era defensor dos interesses do município e autoproclamado como “independente” de interesses políticos. Possuía “colaboradores diversos”, regular formato e, “ao que tudo indica, não chegou a completar três meses de vida” (MARÇAL, 2001, p. 28).

Lourenço Prunes Sobrinho, jornalista, político e editor, filho de José Celestino, fundou na cidade de Livramento o jornal *O Republicano*, aos 42 anos, muito provavelmente junto com seu irmão caçula Honorino, o primeiro redator e gerente do jornal, à época com vinte anos de idade. Seu primeiro número data de 13 de maio de 1917. Tinha por objetivo ser uma sucursal da Livraria e Tipografia O Coqueiro, dirigida por ele e por José Fredolino (MARÇAL, 2001). Seguiram-se-lhe Anaurelino Pinheiro, na gerência, e o brilhante poeta gaúcho Alceu Wamosy²⁹, na direção e redação. De 1920 a 1922, Wamosy tornou-se proprietário desse órgão (MARÇAL, 2001). Em 1922, *O Republicano* passa a ser de propriedade de Honorino Prunes, que permaneceu como redator, diretor e proprietário até o ano de 1936, quando o jornal foi comprado pelo Partido Republicano de Livramento, então obedecendo à chefia de José Antônio Flores da Cunha. Sabe-se de sua circulação ainda em 1948, tendo como proprietário o coronel Francisco Flores da Cunha (MARÇAL, 2001). Honorino Prunes muda-se para Jaguari em 1936, tornando-se prefeito desse município.

Teotônio Prunes, aos 54 anos, provavelmente em acordo com o irmão Honorino, em 1938 funda o jornal *O Estado Novo*, órgão político e noticioso, na cidade de Jaguari. Honorino tornara-se prefeito do município. Teotônio colocou seu semanário em defesa da administração do irmão (MARÇAL, 2001). *O Estado Novo* não chegou a completar um ano.

Olinto Prunes, tipógrafo e jornalista, trabalhou na tipografia de *A Fronteira*, em Quaraí, entre os anos de 1901 a 1904. Em 3 de agosto de 1902, aos 21 anos, fundou naquela cidade o jornal *A Conquista*, semanário que durou até 1903. Era produzido por ele e pelo então jovem e depois famoso historiador Aurélio Porto (1879-1945).

29 Alceu Wamosy nasceu em Uruguaiana (RS), em 14/02/1895, e faleceu em Livramento, a 13 de setembro de 1923. Publicou seu primeiro livro de poesia em 1913 (Flâmulas). A partir de 1917, passou a trabalhar no jornal *O Republicano*, de Lourenço Prunes Sobrinho, tornando-se seu proprietário de 1920 a 1922, apoiando o Partido Republicano. Lutou na Revolução Federalista e foi ferido em combate, o que provocou sua morte.

Voltando à terra natal, Olinto não mais se afastou das caixas do jornal alegretense. Era casado com Ercília P. Prunes. Trabalhou quase toda a vida na *Gazeta*, falecendo em 9 de maio de 1935, aos 54 anos.

A passagem dos Prunes pelos 18 jornais criados por eles não abarca toda a história jornalística da família. Cirino Prunes, “trabalhador infatigável”³⁰, marcou a história do jornal *A Federação*³¹, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense, com sede em Porto Alegre, depois transformado em Imprensa Oficial do Governo do Estado. Foi redator, secretário, redator-chefe e diretor por diversas ocasiões.

Celestino Prunes era médico, jornalista e professor universitário, filho de Lourenço Prunes Sobrinho, neto de José Celestino. No período em que estudou em Porto Alegre, foi repórter de *O Diário*, que circulou na capital gaúcha a partir de 1915, sob a direção de Carlos Penafiel³². Nesse jornal, foi colega e contemporâneo de Alceu Wamosy, de quem foi amigo íntimo e com quem morou numa república. Durante 10 anos, entre 1920 e 1930, fez parte do grupo de redatores da *Gazeta de Alegrete*, tendo travado polêmicas com o maragato³³ Júlio Ruas, diretor de *A Palavra*, que circulava na época em Alegrete.

Em Porto Alegre, Celestino colaborou em diversos órgãos da imprensa gaúcha, inclusive na revista *Província de São Pedro*³⁴. Foi chefe de gabinete do ministro João Alberto Lins de Barros, seu cunhado, então chefe de polícia do Distrito Federal, de 1930 a 1932. Em 4 de maio de 1935, a convite do general Flores da Cunha, assumiu a direção do jornal *A Federação*, em Porto Alegre, do qual foi o último diretor.

30 Expressão utilizada por Marçal (2001).

31 Há 132 anos, na Província de São Pedro (RS), em 1º de janeiro de 1884, começou a circular um dos mais importantes jornais de cunho político-partidário no Brasil: *A Federação*. Com a missão de divulgar os ideários republicanos, este periódico se notabilizou, em sua primeira fase, por combater o regime monárquico, defender a criação de uma República Federativa no Brasil e o término da escravidão. O jornal *A Federação* foi impresso até o dia 17 de novembro de 1937 quando se instalou a ditadura do Estado Novo (1937 -1945), sob o comando do presidente Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) que decretou o término do jornal. Em dezembro daquele ano, por decreto, foram extintos no Brasil os partidos políticos. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/memoria/federacao-um-jornal-que-fez-historia>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

32 Antônio Carlos Penafiel (1883-1960) foi médico, político, professor e jornalista brasileiro. Foi o primeiro diretor psiquiátrico do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Como jornalista, foi fundador e diretor do jornal *O Diário de Porto Alegre*, em 1911; depois diretor de *A Federação*, em 1915. Foi deputado estadual (1915-1920) e deputado federal (1921-1923). Era genro de Júlio de Castilhos.

33 *Maragato* foi o nome dado aos sulistas que iniciaram a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, em 1893, em protesto à política exercida pelo governo federal, representada na província por Júlio de Castilhos. Os maragatos eram identificados pelo uso de um lenço vermelho no pescoço (oposição).

34 No período de 1945 a 1957, a Editora Globo publicou 21 números da revista *Província de São Pedro*. O periódico dirigido por Moysés Vellinho (1902-1980) era composto por textos que privilegiavam a sociologia, a história e, principalmente, a literatura. Entre seus colaboradores, havia nomes como Guilhermino Cesar, Augusto Meyer, Vianna Moog, Dyonélio Machado, Erico Verissimo, Mário Quintana, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido e outros. Notabilizou-se pela qualidade dos textos publicados.

Importante destacar o trabalho de outra mulher à frente da *Gazeta de Alegrete*. Quando seu irmão Lourenço Mário transferiu-se de Alegrete para Porto Alegre, Almerinda Clotilde, filha de Fredolino, praticamente assumiu a direção do jornal alegretense. Ela estudou Humanidades no Colégio Sevigné, de Porto Alegre. Era culta e inteligente. Escrevia sueltos, artigos, reportagens, e terminava o trabalho diário fazendo a revisão do jornal, como fazia seu irmão Lourenço.

José Luiz Ferreira Prunes, filho de Lourenço Mário Prunes e Gelsa F. Prunes, foi advogado, jornalista e juiz da Justiça do Trabalho. Formou-se pela Faculdade de Direito de Porto Alegre. Quando estudante se iniciou no jornalismo e nas letras, realizando diversas pesquisas e trabalhos, um deles sobre a personalidade de Júlio de Castilhos.

Suely de Freitas Prunes, filha de Cirino Prunes e Maria de Freitas, era jornalista, contista e teatróloga, natural de Alegrete, nascida em 12 de janeiro de 1912. Faleceu em 20 de novembro de 1968, aos 56 anos. Pertenceu à Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Sul e durante muitos anos colaborou no *Correio do Povo* e em outros jornais do estado. Publicou o livro de contos *Menino Grande*, em 1953, e a peça teatral *Cumparsita*, representada no Teatro São Pedro, de Porto Alegre. Seu único irmão, Ignácio de Loiola Prunes, era também jornalista e durante muitos anos exerceu suas atividades na Gráfica Guaíba, em Porto Alegre.

Considerações finais

Em concordância com aspectos da empresa familiar destacados em artigos científicos pelos pesquisadores da área de Administração, pudemos verificar no comportamento da família Prunes as seguintes características, também encontradas em empresas familiares: tradições, valores e prioridades semelhantes entre os membros da família; formação do sucessor dentro da própria empresa; arrojo na compra de maquinário de ponta; empreendedorismo, rapidez de decisão; lealdade e obediência dos empregados; nome do fundador como um símbolo (no caso, Celestino Prunes, por ser o patriarca, e Fredolino, por ser o empreendedor); respeito aos gráficos; a figura do patriarca como exemplo da família; agilidade nas decisões; contato dos operários diretamente com os proprietários, o que torna as relações mais pessoais; objetivos claros na defesa da república brasileira; os ensinamentos transmitidos pelos mais velhos a seus sucessores, que garantem a continuidade e qualidade do jornal; liderança, poder de decisão e confiança entre todos; preocupação com a responsabilidade social; administração mais humana, considerando o aspecto social dos empregados e relações informais entre os diversos níveis. Pode-se constatar que se trata de uma família com ambições empreendedoras idealistas.

Fredolino, que administrara a *Gazeta* durante a maior parte dos 56 anos em que esteve com os Prunes, deu ênfase à política e à prática dos negócios em detrimento de sua formação acadêmica e cultuou a ética de trabalho e a austeridade pessoal. Fredolino viveu para a expansão do jornalismo, enquanto seus filhos, irmãos e sobrinhos tiveram tempo para adquirir formação universitária em Porto Alegre, depois de “estagiarem” nas oficinas da *Gazeta de Alegrete* e de sua produção editorial.

Os quinze membros da família Prunes souberam respeitar-se, aprender e ensinar a arte do ofício gráfico e jornalístico, estendendo seus aprendizados a diversos municípios do interior do Rio Grande do Sul, bem como tornar-se importantes líderes em tradicionais jornais da capital gaúcha, como redatores de notícias e comentaristas (artigos de opinião) das questões comunitárias. Ao que tudo indica, a maior motivação da família foi ideológica: todos acreditavam que o melhor para o Brasil era o regime republicano e por ele lutaram, arriscaram suas vidas, passaram por muitas necessidades, inclusive de sobrevivência, e estiveram ao lado dos líderes do país e do estado, além de ocuparem cargos de confiança junto aos governantes que sucederam Júlio de Castilhos. Celestino e Fredolino deixaram explícitas suas convicções a favor dos operários e por eles lutaram, através de cargos políticos, declarando-se “socialistas” (FREDOLINO PRUNES, 1956).

Em 1944, quando Fredolino vende a *Gazeta de Alegrete* para Heitor Galant, quase que como “assinando seu próprio atestado de óbito”, como denominou Scheffer (1993), e só o faz porque todos os membros da família haviam falecido ao longo dos anos ou deixado a cidade. Ele já residia em Porto Alegre há anos, em função de seus mandatos na Assembleia Legislativa. A venda representou uma perda enorme para o jornal em termos de jornalismo, uma vez que a *Gazeta* foi adquirida para fazer a propaganda do Partido Libertador, comandado na cidade por Heitor Galant.

Por limitação de espaço, em um próximo artigo será possível detalhar a atuação política dos proprietários da *Gazeta de Alegrete* e o apoio da comunidade alegretense a esse periódico.

Referências

- A FEDERAÇÃO. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 27 jun. 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2jYMPNG>>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- ANTONIALLI, L. M. Problemas de sucessão e a sobrevivência das empresas familiares. In: SEMEAD, III, 1998, São Paulo. *Seminários...* São Paulo: FEA/USP, 1998.
- ARAÚJO FILHO, L. *O município de Alegrete*. Alegrete: Coqueiro, 1908.
- ARQUIVO PARTICULAR BARROS CASSAL. In: *Arquivo histórico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 05 abr. 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2lkzHUK>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

- BERNHOEFT, R. *A Empresa Familiar: sucessão profissionalizada ou sobrevivência comprometida*. São Paulo: Nobel, 1989.
- COLBARI, A. L. Imagens familiares na cultura das organizações. In: DAVEL, E.; VASCONCELOS, J. *Recursos Humanos e subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CORRÊA, A. R. P. José Fredolino Prunes (1873-1957): a incorporação do proletariado na sociedade. In: BAKOS, M. M. (Org.). *Escritas Íntimas, tempo e lugares de memória: a documentação pessoal como fonte para a história*. 1. ed. Porto Alegre: Palier, 2008. p. 135-144.
- FLORES DA CUNHA, J. A. In: *Biografias*. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2001. Disponível em: <<http://bit.ly/2jZaUsE>>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- GAJ, L. *Tornando a administração estratégica possível*. São Paulo: McGraw-Hill, 1990.
- GALVANI, W. *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.
- GAZETA DE ALEGRETE. *Arquivo histórico da Gazeta de Alegrete*. Alegrete, 2 fev. 1960. p. 6.
- GOLDEMBERG, M. Entrevistas [fev. 2016]. Entrevistadora: B. C. P. Dornelles. Alegrete, fev. 2016. _____. Edição comemorativa da Gazeta de Alegrete. [1973]. 2. ed. *Gazeta de Alegrete*, Alegrete, 72 p., 1993.
- GONÇALVES, J. S. R. C. As empresas familiares no Brasil. *RAE Light: Revista de Administração de Empresas*, v. 7, n. 1, p. 7-12, jan./mar. 2000.
- LODI, J. B. *A empresa familiar*. São Paulo: Pioneira, 1986.
- MARÇAL, J. B. Entrevistas [2016]. Entrevistadora: B. C. P. Dornelles. Viamão; Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016. _____. *Quaraí. Um século de imprensa*. Porto Alegre: Tarca, 2014. _____. *A imprensa operária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 2004. _____. Memória da imprensa na fronteira oeste do Rio Grande do Sul. In: _____. *A Gazeta de Alegrete: os Prunes*. Porto Alegre, 2014. 36 p. No prelo.
- PRUNES, L. M. Nota. In: MARÇAL, J. B. *Gazeta de Alegrete. Os Prunes e seus jornais. Contribuição para história da imprensa no RGS*. Porto Alegre, 2001. 65 p. No prelo.
- PRUNES, J. F. Notas para história da imprensa na fronteira do Rio Grande do Sul. [1956]. In: MARÇAL, J. B. *Gazeta de Alegrete: os Prunes e seus jornais. Contribuição para a história da imprensa no RGS*. Porto Alegre, 2001. 65 p. No prelo.
- RICCA, D. *Sucessão na empresa familiar*. São Paulo: CLA, 2007.
- ROCHA, P. M.; ZAUITH, G. A história da consolidação da imprensa do interior no contexto da Belle Époque Paulista. *Interin*, Tuiuti, v. 11, n. 1, jan./jun. 2011.
- SCHEFFER, A. B. B. *Sucessão em empresas familiares: dificuldades e ações preventivas*. 1993. 141 p. Dissertação (Mestrado em Administração)—Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- MACHADO, A. C. Dados biográficos de Frederico Ernesto Estrella de Villeroy. In: *Projeto Passo Fundo*. Passo Fundo, 1952. Disponível em: <<http://bit.ly/2lgTo3f>>. Acesso em: 15 jul. 2016.